

Visita é prova de confiança

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON — Na atribulada história das relações entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional, a visita do diretor-gerente da instituição a Brasília, no fim de semana, e o encontro que ele terá hoje com o presidente Fernando Collor, em Cartagena, Colômbia, são eventos extraordinários, cujo significado ultrapassa o objetivo prático da iniciativa.

Se a realidade da crise não bastasse, a passagem de Michel Camdessus por Brasília reduziu ainda mais o espaço para o exercício da tendência atávica das elites dirigentes brasileiras de buscar, fora do País, bodes expiatorios para seus fracassos.

A visita de Camdessus pode ter facilitado a adoção, pelo Congresso, do programa que o Executivo negociou com o Fundo. Pode ter, também, apresado o ritual de sua aprovação pela diretoria do FMI. Há, no entanto, uma mensagem maior que o diretor-gerente do Fundo deixou em Brasília, com sua mera presença. Trata-se, em parte, de uma mensagem de confiança, um artigo raro no Brasil de hoje: confiança na capacidade do País de enfrentar os problemas e superar a crise. O outro lado da me-

dalha é uma advertência para que o governo, nele incluído o Congresso, assumas suas responsabilidades: se o programa de estabilização não sair do chão ou estatelar-se logo na decolagem, como aconteceu com todos os que o Brasil negociou com o FMI na última década, não procurem culpados no Fundo.

Um assessor do ministro da Economia afirma que, ao insistir para que Michel Camdessus incluísse o Brasil no roteiro de uma viagem planejada há tempos por três países da América do Sul, Marcílio Marques Moreira tinha em mente pelo menos duas metas imediatas. Uma delas era a de exorcizar a imagem do FMI junto às lideranças políticas responsáveis pela aprovação, no Congresso, das medidas de austeridade indispensáveis para a execução do programa de estabilização. Camdessus, um sorridente e afável super-burocrata das finanças internacionais, não deve ter tido dificuldade para convencer aos parlamentares com quem comeu churrasco, no domingo, sobre os méritos de sua tese predileta sobre os custos do ajustamento. O desajustamento, costuma dizer ele, é muito mais caro, sobretudo para os mais pobres. O Brasil de hoje, poderia acrescentar Camdessus, é a maior prova disso.